

**“ELE GINGA QUE NEM BRASILEIRO!”:
TRANSNACIONALIZAÇÃO CULTURAL E A NEGOCIAÇÃO
DOS ESPAÇOS DE SUBJETIVIDADE NA ALEMANHA**

**“HE MOVES AS A BRAZILIAN!”: CULTURAL
TRANSNATIONALIZATION AND THE NEGOTIATION OF
SUBJECTIVITY SPACES IN GERMANY**

Fabio Araujo Fernandes¹

RESUMO

O artigo visa contribuir com o debate sobre o processo de transnacionalização cultural na contemporaneidade, como também a produção de identidade e as subjetividades deles possíveis, utilizando como foco o universo da capoeira e o seu deslocamento para a Alemanha. Movimento que teve início na década de 1970, com as apresentações de capoeira na Europa e Estados Unidos, influenciando os rumos desta prática cultural. O desafio deste artigo é lançar mão das experiências dos capoeiristas em seus processos de reconstrução de si e dos discursos sobre a capoeira, porém sem perder de vista as forças hegemônicas que atuam e impõem as “regras do jogo”. Dentro de uma visão interdisciplinar, foi priorizada uma abordagem qualitativa, tendo o método etnográfico como base metodológica de onde os tópicos mais significativos emergiriam como “fios” a serem puxados e aprofundados. Sendo assim, foi considerado como ponto fundamental os discursos dos próprios sujeitos da pesquisa, dos nossos diálogos e da minha experiência de campo de onde as disciplinas como Antropologia, História e Estudos das Migrações serviriam como suporte epistemológico para uma melhor contextualização das experiências vividas e significados produzidos, ou seja, para melhor dar conta dos lugares de fala apresentados. Os resultados da minha pesquisa apontam a uma exaustão do conceito de nação para definir identidades e culturas na contemporaneidade. Baseado em minha experiência e análise, defendo também que os alicerces do universo da capoeira são estabelecidos e legitimados como um espaço relacional de negociação simbólica “in Between”. Ao mesmo tempo me apropriei do termo “Capoeiragem” para denominar um *modus operandi* que seria o aspecto fundante do universo da capoeira que paradoxalmente, por seu posicionamento de fronteira, produz e mistura culturas.

Palavras-chave: Antropologia. Migrações Contemporâneas. Capoeira. Capoeiragem. *In between*. Subjetividades.

¹ Doutor em Antropologia Social (PPGAS-UFSC e DAAD-Instituto de Etnologia da Universidade de Munique/LMU). Pesquisador do Núcleo de Antropologia do Contemporâneo – TRANSES. E-mail: fabferbrasil@hotmail.com.

ABSTRACT

The article aims to contribute to the debate about the production of identity and possible subjectivities, as well as the process of cultural transnationalization in the contemporary world, using as a focus the universe of capoeira and its displacement to Germany. This movement that began during the 70's with capoeira presentations in Europe and the United States, influencing directly the course of this cultural practice. The challenge of this article is to take advantage of the experiences of capoeiristas in their processes of self-reconstruction and the discourses about capoeira, but without losing sight of the hegemonic forces that act and impose the "rules of the game". Within an interdisciplinary view, a qualitative approach was prioritized, with the ethnographic method as the methodological basis from which the most significant topics would emerge as "threads" to be drawn and deepened. Thus, the discourse of the subjects themselves, of our dialogues and of my field experience were considered fundamental. The disciplines such as Anthropology, History and Migration Studies would serve as an epistemological support for a better contextualization of the lived experiences and of the Meanings produced, that is, to better understand the places of speech presented. The results of my research point to an exhaustion of the concept of nation to define identities and cultures in the contemporaneity. Based on my experience and analysis, I also argue that the foundations of the capoeira universe are established and legitimized as a relational space of symbolic negotiation "in Between". At the same time I appropriated the term "Capoeira" to describe a *modus operandi* that would be the founding aspect of the universe of capoeira. A process that paradoxically, by its border positioning, establishes and mixes cultures.

Keywords: Anthropology. Contemporary Migrations. Capoeira. Capoeiragem. *In between*. Subjectivities.

Apresentação

Era um dos eventos de capoeira que fizeram parte da minha pesquisa de campo para doutoramento em Antropologia Social na Alemanha. Eu estava para iniciar um jogo com um aluno experiente durante a roda de encerramento do segundo dia de cursos e workshops, quando o mestre que estava tocando berimbau Gunga², e por isso era quem comandava a roda, cantou uma música dizendo: “cuidado com o alemão, que o alemão é danado”! Era uma mensagem cantada para mim, para que eu tomasse cuidado com a astúcia de meu parceiro de jogo. Em uma conversa informal, após as atividades do dia, o mesmo demonstrou um certo desânimo com o fato de ser chamado de ‘alemão’. Ele me confessou: “parece que eu nunca serei reconhecido como um capoeirista em si. Um dia destes um mestre me disse que eu estava muito bom para um alemão”.

No decorrer de minha pesquisa de campo, o tal lugar de “alemão”, que surgia de maneira veemente naquele dia, acabou se tornando uma constatação bastante recorrente. Com a chegada do outono/inverno, eram nítidas as mudanças comportamentais que iam ocorrendo com o frio e a falta de luz natural. As pessoas ficam deveras mais pessimistas do que o normal – uma forte característica perfeccionista facilmente perceptível na Alemanha – introspectivas e consideravelmente mais mal humoradas. O descontentamento em ser rotulado como um capoeirista alemão veio, no escuro do outono, iluminar um importante ponto a ser analisado em minha pesquisa de campo.

De que se trata este estereótipo do “alemão”? Qual ou quais o(s) seu(s) significado(s)? Em meio a uma roda de capoeira em terras germânicas, estava sendo apresentado para mim um tipo de construção de alteridade contundentemente baseado na nacionalidade. Um sentimento de pertença na qual eu – um desconhecido que acabara de chegar na Alemanha – , por ser brasileiro, pude dispor de uma preferência e aconselhamento por parte do mestre. Em contraposição, pudemos perceber na fala do meu companheiro de jogo, um desconforto pela

² Instrumento de percussão simbólico dentro da capoeira. Consiste em um arco feito com um arame grosso e uma madeira roliça com uma cabaça redonda em uma extremidade. O Berimbau Gunga é o de cabaça maior e som grave. Na capoeira, normalmente quem o toca assume a administração do jogo, além de determinar com seu som mais grave o ritmo e o estilo do jogo a ser jogado.

identidade pejorativa a ele inferida. Situação esta que se complicaria aos que almejam, como no caso do meu parceiro de jogo, serem legitimados como professores de capoeira. Como ser um professor ou mestre “alemão”? Há um lugar possível de destaque para não brasileiros? Como estes e outros lugares de subjetivação foram ganhando forma na Alemanha?

Com o objetivo de dar subsídios para responder às perguntas acima, o artigo pretende fazer uma breve revisão histórica da construção destes lugares de objetivação/subjetivação, proporcionados pelo deslocamento da prática da capoeira para a Alemanha e alguns de seus possíveis reflexos no Brasil. Quais as estratégias delineadas pelos capoeiristas (alunos e professores; brasileiros e não brasileiros) no processo de construção de um discurso sobre si, mas também sobre a capoeira em terras germânicas? Além disso, buscamos problematizar as forças temporais e espaciais que interferem nestes processos para dar uma melhor contextualização dos discursos apresentados pelos participantes da pesquisa.

Metodologicamente, foi priorizada uma abordagem qualitativa e etnográfica dentro de uma visão interdisciplinar entre Antropologia, História e Estudos das Migrações. Portanto, tanto a observação participante (OLIVEIRA, 1996) quanto a análise de material visual (HEAD, 2008; SIMONIAN, 2007) foram importantes ferramentas para explorar o tema problematizado. A escolha metodológica se justifica para que se levasse em conta de maneira mais profunda os contextos, utilizando para isso os discursos dos próprios sujeitos.

Sendo assim, eu considereei como ponto fundamental que os tópicos mais significativos emergissem dos próprios sujeitos da pesquisa, dos nossos diálogos e da minha experiência em campo (AGAR, 1980; KOTTAK, 1995; LATOUR, 1994). Para tanto, eu tentei evitar racionalidades exageradas tão quanto possível, evitando o pré-estabelecimento de categorias ou dados a serem “encontrados” em campo, minimizando assim um enviesamento excessivo na minha jornada etnográfica. Desta maneira, o artigo se desenvolve paralelamente às narrativas dos sujeitos por centrar-se nas experiências que os mesmos identificam como parte de seus campos de referência e identidade (LATOUR, 1994). Neste sentido, informações como cor da pele, raça, gênero, idade, estado civil, escolaridade e classe

socioeconômica foram mencionadas ou usadas somente quando os sujeitos da pesquisa as mencionavam. Portanto, pelo seu teor minimalista, não se utilizou neste artigo de padrões macrosociológicos ou demográficos pré-estabelecidos.

Iniciaremos nossa incursão conceitual com a teoria defendida por Carlos Eugênio Libano Soares (2001) de que a capoeira seria uma prática surgida pela necessidade de convivência de escravos provindos de diversas etnias africanas para o Brasil, na era colonial. No entanto, teríamos que acrescentar a isso as influências decisivas das relações com o contexto histórico em que a prática da capoeira surgiu. Uma visão de mundo colonial e escravocrata estruturada simbolicamente pela lógica opressor/oprimido organizadora de toda e qualquer relação entre diferenças. Desta forma a Europa colonial estabeleceu um poderoso modelo produtor de dicotomias com o propósito ideológico de dominação e controle. Brancos/negros, colonizador/colonizado, tradicional/moderno, centro/periferia, oriental/ocidental além de naturalizar a Europa como em um estágio mais avançado de civilização, acabaram também por disseminar uma lógica homogeneizadora que coloca toda e qualquer diferença subjugada a essas dicotomias.

Em contraposição, estratégias de autoafirmação e reivindicação de uma ancestralidade africana se tornaram o principal argumento de legitimação de subjetividades marginalizadas por este processo. Conforme Mbembe (2010), as ideologias nativistas e instrumentalistas nascem como uma forma de ressignificação do status discriminado para algo mais positivo. Vários discursos nacionalistas, que defendem um “resgate” às tradições ancestrais dos povos oprimidos pelo sistema colonial, surgiram no continente Africano, pela necessidade de desvinculação de uma relação subalterna para com a cultura ocidental europeia.

Logo, a prática da capoeira foi, em um primeiro momento, objetivada enquanto prática escrava, surgida no Brasil durante a era colonial. Uma construção que se utiliza de um enfoque etnocêntrico e discriminador, colocando não só a capoeira, mas toda a prática identificada como negra em um lugar de atraso e selvageria, ao mesmo tempo que apaga ou desqualifica suas conexões indígenas e principalmente europeias³. Em

³ Através do olhar modernizante e dicotômico em que os viajantes europeus como o Alemão Rugendas (1835) descreviam algumas das práticas observadas durante suas

um segundo momento, seguindo as estratégias de autoafirmação acima descritas, seus praticantes passaram de não civilizados, arruaceiros e foras da lei da época colonial para, a partir da década de 1930, enveredar-se pelos caminhos do resgate cultural sendo, depois de então, considerados legítimos guardiães das tradições brasileiras afrodescendentes.

Apesar de todo o avanço alcançado pelo movimento de valorização da cultura negra acima brevemente citado, Bhabha (1994) nos provoca a pensar que ainda há muito a percorrer. O autor afirma que para que tenhamos uma melhor percepção dos desdobramentos causados pelo colonialismo, faz-se necessário uma linguagem que supere as bases de oposição dadas no sistema colonial. As dicotomias entre negros e brancos, culpados e vítimas, precisariam ser ultrapassadas por um espaço de tradução, assumindo uma realidade mais relacional do fenômeno. O chamado “movimento pós-colonial” surge como uma proposta de transpor as barreiras dicotômicas naturalizadas na construção do conhecimento sobre as culturas não ocidentais erguidas a partir do colonialismo. Muito embora as bases dicotômicas venham sendo bastante combatidas e criticadas, elas permanecem exercendo uma forte influência quase que ontológica nas produções acadêmicas sobre a capoeira principalmente no que diz respeito a dicotomia tradicional/moderno e seus pressupostos de originalidade e pureza⁴.

expedições, podemos perceber o esforço em qualificar as práticas entre negras, indígenas e brancas desconsiderando seus aspectos relacionais e, portanto, híbridos.

⁴ Podemos citar aqui como exemplo os recentes trabalhos do historiador Matthias Röhrig Assunção (2005) que atualmente é visto como uma das autoridades no que diz respeito à pesquisa sobre capoeira. Em seu livro *Capoeira: The History of an Afro-Brazilian Martial Art*, o autor percorre o caminho em que a capoeira foi se desenvolvendo desde o século XIX até os dias de hoje. Parece-me que o rico material apresentado pelo autor nos mostra de maneira bastante clara e concisa a sua natureza híbrida, resultado das agências e traduções exercidas de maneira complexa e diversificada por cada capoeirista em diferentes momentos históricos. Como resultado Assunção chega perto de perceber a natureza liminar do que denomina como arte marcial afro-brasileira, mas que, por algum motivo, prefere apostar na importância do aprofundamento do debate sobre as origens. *Adaptação em Movimento: o processo de transnacionalização da Capoeira na França* (2008) é um outro importante trabalho a ser pontuado. Nele, o autor Daniel Granada da Silva Ferreira se debruça sobre o processo de adaptação e transformação desta prática. No entanto creio que a utilização por ele do termo **adaptação** acaba por desconsiderar um teor mais relacional deste fenômeno. Por isso, acredito o termo **negociação cultural** de Bhabha (1994) ser mais fecundo para dar conta destes movimentos transnacionais por conter um propósito político-teórico de, mesmo assumindo as não igualdades entre as partes que negociam, perceber a articulação e interdependência de elementos antagônicos ou contraditórios.

Para dar conta dos fenômenos observados e tentarmos fugir ao máximo dos discursos dicotômicos sobre a capoeira, utilizamos como base da construção teórica a proposta de Bhabha no sentido de manter o foco na dimensão relacional. Acreditamos que por estarem em constante tramitação por entre diferentes contextos, o processo de reconstrução de si feito pelos praticantes de capoeira na Alemanha se dá de maneira transitória e inacabada. Tais sujeitos ou multissujeitos se delimitam, corporal e culturalmente através de suas relações frequentes com diferentes, e por vezes antagônicos, quadros referenciais. Neste caso, suas trajetórias e experiências só poderiam ser captadas, mesmo que de maneira fractal, através da percepção das relações lógicas que eles estabelecem com cada situação ou contexto durante seus processos de construção de si. Somente através destas conexões é que poderíamos alcançar os múltiplos contornos pelos quais estes sujeitos vão se compondo.

Conforme Bhabha (1994), a diáspora africana ocorrida no processo colonial escravista produziu um lugar de fronteira denominado por ele de *in between*, ou seja, um espaço relacional produtor de diferenças. Por ser uma prática diretamente associada a esse processo diaspórico africano, defendemos a ideia de que o ensino e prática da capoeira se afirma enquanto um destes *in between*. Um “entre lugares” produtor de novas possibilidades de subjetivação. Um espaço de tradução cultural legitimado para manipulações de códigos e símbolos de diferentes e por vezes distintas procedências.

Ainda com o propósito de fugirmos do significado essencializado que o termo “capoeira” acabou obtendo em grande parte das produções acadêmicas, utilizaremos do termo “capoeiragem” para nos referir a uma peculiaridade do fenômeno pesquisado. É necessário que se esclareça que este não é um termo novo no universo da capoeira, sendo bastante utilizado para significar uma forma mais antiga do jogo, sem normas explícitas e praticada nas ruas, largos e praças. A proposta adotada pretende fazer um resgate deste termo, retirando as premissas de algo representativo do passado e dando-lhe ares mais

Por fim, Sarah Lempp em seu livro *Über den Black Atlantic: Authentizität und Hybridität in der Capoeira Angola* (2013) traz como atrativo a importante constatação de que existem muito mais trabalhos científicos sobre a capoeira Angola do que a Regional justificando por aqueles estarem dentro de uma tradição de pesquisas que buscam a **pureza** sobre a cultura popular brasileira.

contemporâneos. Portanto, a “capoeiragem” trata-se de um termo mais representativo para a proposta defendida, por trazer em seu significado uma ideia de ação, subversão e fluidez contemplando, assim, os aspectos relacionais, híbridos e liminares do fenômeno observado.

A possibilidade de reunir teoria e prática dando vazão à dinamicidade das relações interculturais e intersubjetivas, possibilita atribuir aspectos contraditórios e por vezes paradoxais que o colonialismo perpetua dentro do ambiente da capoeira. O jogo de manipulação, apropriação e ressignificação de discursos são, para tanto, entendidos como relações de poder que atravessam as fronteiras influenciando espacialidades e temporalidades das perspectivas envolvidas. Acreditamos, portanto, que pelo fato de que o universo da capoeira tenha sido construído sob as bases coloniais, se faz fundamental a produção de pesquisas que levem em conta tais relações que o poder hegemônico europeu estabelece para com este universo.

Para que tenhamos uma melhor análise do material levantado, os capítulos deste artigo estão relacionados a três períodos distintos da capoeiragem na Alemanha. 1. A ida de alguns capoeiristas através de grupos parafolclóricos em espetáculos sobre cultura brasileira da década de 1970 e 1980. 2. Um aumento significativo das migrações de capoeiristas do Brasil para Europa e o acirramento das disputas internas entre os mestres e grupos de capoeira da década de 1990 3. Amadurecimento de uma posição mais transnacional da capoeiragem, estabelecendo redes ou circuitos de relacionamentos menos hierarquizados já no século XXI. São fases que correspondem a diferentes momentos de negociação cultural instaurada pela prática da capoeira na Alemanha. Por fim, apresentaremos um último capítulo aonde faremos uma breve análise de todo o material decorrido. Chegaremos à utilização dos termos “Capoeiragem In Between” e da “lógica de circuitos identitários” como representativos do fenômeno estudado.

Todavia, para que possamos melhor entender como se dá a capoeiragem na Alemanha, e conseqüentemente na Europa, teremos que perseguir primeiramente as condições históricas e contextuais que tornaram possíveis a sua valorização tanto neste continente como no próprio território brasileiro.

1. Entrecruzando Diásporas – as condições de possibilidade instaurada pelos fluxos migratórios brasileiros até 1960

Com o a crise dos países vencidos na I Guerra Mundial e com o subsequente advento da II Guerra Mundial, grandes fluxos migratórios se estabeleceram na Europa em direção às promissoras possibilidades das nações tidas na época como em desenvolvimento. No caso do Brasil, a imagem mundialmente positiva instaurada desde o Estado Novo do início do século XX e a necessidade de mão de obra adaptada ao processo de industrialização fez deste um grande receptor de fluxos migratórios Europeus (ASSIS; SASAKI, 2001).

Provavelmente entre os anos 1940 e 1950, o jornalista e escritor Miecio Askanasy aportou no Rio de Janeiro, seguindo uma tendência de migrações de alemães para o Brasil iniciada desde o século XIX. Lá eles se envolvem diretamente com o meio artístico e intelectual local, descobrindo talentos, pesquisando e, por fim, agenciando um show com bailarinos, músicos e cantores que visavam o mercado europeu. O espetáculo era composto na sua maioria de artistas negros e as cenas eram referentes a ritmos afro-brasileiros, tendo o samba como linha central. Estabeleciam-se, portanto, no final da primeira metade do século XX, um entrecruzamento das diásporas africana e germânica, dando vazão a novas composições e deslocamentos.

O primeiro espetáculo brasileiro empresariado por Miecio a se estabelecer na Europa foi o de nome “Brasiliana”, no ano de 1951. Posteriormente - pelos anos de 1973 - foi a vez do “Brasil Tropical” transpor o Atlântico e iniciar uma turnê tendo as apresentações de capoeira como um dos diferenciais. De acordo com as informações de Assis e Sasaki (2001), durante a década de 1970, a situação brasileira ainda era a de país “receptor de migrações”, sendo o caso dos espetáculos mencionados algo pontual que não aguçava o interesse acadêmico sobre o assunto. Mesmo assim, um elo importante se formava conectando diferentes temporalidades e espacialidades as quais trouxeram a capoeiragem para novos rumos. A experiência pessoal do empresário alemão no Rio de Janeiro e Salvador promove um canal de comunicação bastante peculiar entre o momento de disseminação de manifestações folclóricas entendidas como tradicionais afro-brasileiras para Europa.

Um pouco antes, durante a década de 1960, o movimento negro de independência e valorização cultural das nações africanas ganhava força nos Estados Unidos. De acordo com Albuquerque e Fraga Filho (2006) era um momento de efervescência política que reivindicava igualdade de direitos civis entre negros e brancos, repercutindo fortemente em movimentos de valorização e reconhecimento da cultura negra daquele país. O movimento *Black Power*, a *Soul Music* e o *Funk*, entre outros, conquistavam o seu espaço na sociedade estadunidense, transformando-se logo em um produto cultural de grande potencial internacional.

É dado o pontapé inicial para todo um movimento de conscientização de uma conexão transcontinental constituída pela diáspora africana desde o processo colonizador. Vem à tona uma comunidade imaginada negra que articula manifestações culturais como o movimento rastafári jamaicano assim como os movimentos nacionalistas de libertação em todo o continente africano e o movimento negro estadunidense. Uma nova onda de cultura negra se espalha navegando pelos mares do Atlântico Negro e conectando atitudes, ritmos, corpos e estilos em uma mimese *black power*. Como disse um mestre que chegou em Berlim, na década de 1980. Naquela época, não se fazia muita distinção: “Era tudo Negro!”.

Fotografia 1 - Encenação do Navio Negreiro do Grupo Furacões da Bahia em 1971 quando se apresentavam pelo Brasil.



Fonte: Arquivo pessoal de Mestre Martinho Fiuza.

A *onda black* aporta no Brasil em 1970 através do repatriamento de alguns artistas exilados pelo regime militar. Eles vinham quase sempre dos Estados Unidos, trazendo as “boas novas” do primeiro mundo. Com efeito, o movimento *Black Power* aporta no país com ares modernizantes, influenciando toda uma geração. “*Falar como fala um Black Brother, andar como anda um Black Brother*”⁵ era a palavra de ordem que abria novas portas aos herdeiros da diáspora africana no Brasil. Na fotografia 1, podemos ver um exemplo da influência *black power* nas apresentações folclóricas afro-brasileiras, nela os bailarinos estão a apresentar uma encenação denominada Navio Negreiro. Todos negros seminus fazem uma aversão à escravidão e às origens africanas, porém utilizando perucas que representam uma das marcas do movimento negro estadunidense.

⁵ Trecho da música “Qual é?!” do artista Marcelo D2.

Fotografia 2 - Grupo Brasil Tropical em 1973 quando embarcaram para Europa.



Fonte: Arquivo pessoal de Mestre Martinho Fiuza.

Criava-se na cidade do Rio de Janeiro dos anos setenta os circuitos *Black* que se apropriavam da forma de se vestir e de falar, dos penteados, do gingado *Soul* e do gosto musical estadunidense que deram a estes sujeitos um capital cultural que os conectavam a um processo global. Mestre Martinho Fiuza e Mestre Paulo Siqueira, um dos primeiros capoeiristas a se estabelecerem na Alemanha, mostraram não ter sentido muitos problemas de adaptação. O movimento negro que se alastrava no Brasil tinha a mesma base simbólica e estética do movimento *Black* que gerava um grande interesse entre os europeus e integravam todos os negros “por lá”.

Há claramente durante este período um grande esforço global em direção à uma virada simbólica da cultura afro que, até a segunda guerra mundial, tinha um teor negativo e de atraso. Utilizando da grande visibilidade da cultura *black* na Europa, muitos capoeiristas artistas começaram suas investidas pelas principais metrópoles do “primeiro mundo”. Eram palestras, apresentações e workshops sobre a cultura negra brasileira que encontravam um mercado interessado em consumir estes produtos bastante massificados por entre os veículos de comunicação como TV, rádios e jornais.

De acordo com Nestor Capoeira (1995) em 1979 existiam ao todo dez capoeiristas ensinando e fazendo shows de ritmos brasileiros e capoeira por toda Europa. Eram herdeiros dos grupos de espetáculos já mencionados que rodaram todo o velho continente disseminando esta arte luta. Formava-se naquele tempo uma rede de solidariedade entre os capoeiristas que iam se encontrando através dos espetáculos e shows brasileiros, conhecendo-se e trocando experiências. Mestre Paulo Siqueira, Mestre Martinho Fiuza e Mestre Saulo se conheceram através destes circuitos artísticos, criando posteriormente um circuito de eventos e workshops específicos de capoeira.

Fotografia 3 - Grupo Brasil Tropical em suas apresentações pela Europa em 1975. Mestre Martinho Fiuza é o primeiro da Esquerda tocando Berimbau.



Fonte: Arquivo pessoal de Mestre Martinho Fiuza.

Ainda conforme Nestor Capoeira (1995), durante as décadas de 1970 e 1980, a principal renda destes capoeiristas vinha dos shows e apresentações de capoeira, mais do que das aulas de capoeira em si. Uma lógica que se faz presente até os dias atuais através dos circuitos de eventos e workshops iniciado naqueles tempos. Principalmente durante o verão, momento de férias e de maior mobilidade, os alunos dos professores e mestres circulavam por estes eventos, dando aos mesmos

uma maior quantidade de público e renda, oportunizando uma maior visibilidade local do trabalho desenvolvido por cada um.

Era um primeiro período da capoeiragem na Alemanha onde ela assumia um papel importante de representante da cultura brasileira. Neste momento, podemos dizer que uma construção de alteridade radical se instaura, marcando a capoeiragem como um espetáculo e corporificando os seus praticantes como artistas. Uma alteridade exotizada, porém sem conflitos maiores entre, de um lado, o negro brasileiro espetáculo e, do outro, o branco alemão espectador. Eram subjetividades até então postas em dimensões diferentes umas das outras. Uma relação à distancia interpelada por um ambiente delimitado entre artista e plateia.

Voltando ao caso do “Brasil Tropical”, as redes de contato assim com os circuitos de shows iniciais eram todos estabelecidos pelo empresário Micio Askanavy, tendo os artistas pouca interferência. Com o passar do tempo, linhas de fuga vão se estabelecendo, estreitando as conexões entre este espectador alemão e os capoeiristas artistas principalmente através das aulas de capoeira. Era uma trilha de rastros deixados pelos contatos pessoais feitos durante as turnês e que iam sendo revisitados pelos capoeiristas através de convites para que retornassem para ministrar workshops, seminários e apresentações de capoeira. Fato que ia aproximando o seu público para além de meros espectadores. Os alemães aos poucos foram se transformando em praticantes entusiasmados pela cultura brasileira que era divulgada não somente pelos shows, mas também pelas rádios, documentários, entrevistas e matérias de jornais televisivos. Inicia-se um caminho de subjetivação que vai criando zonas de interlocução maiores instaurando, aos poucos, um conflito de perspectivas e expectativas. Um jogo de espelhos que vai se acirrando com o tempo.

2. Capoeira “for Export” – a capoeiragem como um campo de disputas na década de 1990

O histórico posto que o Brasil detinha de “país receptor” dos fluxos migratórios internacionais até 1980 se viu abalado pelas frequentes notícias de deportação que os brasileiros estavam sofrendo nos países “desenvolvidos”. Era um sinal de que o Brasil tinha começado um

processo de emigração. Toda a década de 1980, culminando no início da década de 1990, apontava para um grande fluxo de emigração de brasileiros rumo ao “primeiro mundo”. De acordo com Assis e Susuki (2001) *apud* Sales (1994) entre 1985 até 1987 cerca de 1,25 milhões de brasileiros deixaram o país. As emigrações que eram vistas até a década de 1970 como algo pontual, viram a mesa e transformam o Brasil de receptor a fornecedor de emigrantes no cenário mundial.

Como fruto do grande fluxo migratório ocorrido na década de 1980 chamado por Sales (1994) de “a década perdida”, as políticas de controle pela Europa foram se intensificando. Leis que limitavam e dificultavam os vistos de permanência e até de entrada de brasileiros trouxeram um ambiente negativo de clandestinidade, criminalidade e marginalidade para os brasileiros no estrangeiro.

Mestra Maria do Pandeiro sentiu na pele este processo de fechamento das fronteiras europeias para com os brasileiros na década de 1980. Ela saiu do Brasil em 1987, viajando de mochila nas costas pela Europa e terminando por se estabelecer em Bremen, cidade portuária ao norte da Alemanha. Sua experiência de migração nos traz um outro modelo de negociação cultural, pois ela conseguiu sua permanência depois de quase ser deportada, através de um grupo feminista que reivindicou o seu visto de permanência nesta cidade. A alegação do grupo era de que queriam ter aulas de capoeira, mas somente se fosse com uma professora mulher, acionando de tal sorte dispositivos historicamente caros à imagem da cidade.

A cidade de Bremen é a segunda mais antiga cidade-estado do mundo, onde se desenvolveu um espírito de liberdade cultural e autonomia aduaneira iniciado por sua participação na liga Hanseática. Estas e outras características socioculturais e históricas contribuíram para que a mestra criasse vínculos com o lugar onde fundara durante a década de 1990 o Grupo Dandara de Bremen.

Por se autodenominarem adeptos da Capoeira Angola, o esquema de graduação do Dandara é um fator bastante peculiar. Para representar as diferentes etapas e graduações de seus alunos adultos, a Mestra usa cintos de cores diversas e utiliza cordel para as crianças. Ou seja, ela se utilizou de um acessório tido como tradicional na vestimenta da

Capoeira Angola (a utilização do cinto e da camisa colocada para dentro da calça) adaptando-a à questão das graduações.

Quando estive em um de seus eventos, após a cerimônia de troca de graduação ocorreu uma apresentação cultural dos alunos do grupo. A apresentação tinha como tema as aventuras dos Músicos de Bremen (historia infantil criada pelos irmãos Grimm) no sertão do nordeste brasileiro. De acordo com a mestra:

Não é a primeira vez que usamos a ideia dos Músicos de Bremen como tema, mas dessa vez pensamos em mandá-los (Os músicos de Bremen) para o Brasil em vez de ficar em Bremen. Lá conheceram um coronel que capturou o burrinho e o fez trabalhar colocando nele uma cangalha. Os outros pediram socorro ao bando de lampião, que o libertaram do coronel. O burro agradecido resolveu ficar por lá mesmo com os cangaceiros e os outros animais o esperam até hoje em Bremen (Entrevista dada através do Facebook, 2013).

A fábula *Músicos de Bremen* fala sobre um burro, um cachorro, um gato e um galo que, sofrendo os maus tratos e exploração do campo, resolvem migrar para a cidade-estado de Bremen. Uma cidade independente, basicamente protestante, onde o comércio é desenvolvido através de seu porto, o segundo maior da Alemanha, oferecia um território de liberdade das “amarras feudais” da época. A fábula revela a imagem desenvolvida de defesa às diferenças e um lugar de liberdade e autonomia.

Imagem 1 - Painel usado como fundo de palco para a encenação dos Músicos de Bremen no Sertão Brasileiro



Fonte: Pesquisa de Campo (Fernandes,2012)

Imagem 2 - Um dos painéis usados como fundo de palco com as imagens dos músicos de Bremen com o bando de Lampião.



Fonte: Pesquisa de Campo (Fernandes, 2012)

Por um outro lado, a década de 1990 significou um momento particular de mudanças na capoeiragem pela Europa. O aumento significativo de capoeiristas que chegaram por essa década trouxe também um

acirramento das disputas internas por legitimação. Estilos, grupos, linhagens, entre outros elementos foram ganhando maior importância, trazendo um ambiente de rivalidade e de tensionamento de todo tipo de diferenças.

De acordo com Mestre Paulo Siqueira, eram em sua maioria pessoas que vinham motivadas pelo aparente sucesso que alguns capoeiristas estavam tendo, mas que não tinham a mínima ideia do que iriam enfrentar:

O pessoal que trabalha com arte está mil anos na frente. Pessoal de cabeça aberta. Não são conservadores. É o meio artístico [...] No começo (década de 1970), eram pessoas que frequentavam o meio da artes que vinham pra cá. [...] Eu com 16 anos já fazia fotografia, já fazia concertos. Era o Movimento Black Rio. A galera se vestia como Black. [...] Não eram pessoas que não tinham acesso à cultura. Eram pessoas esclarecidas. Agora é diferente. Conheço muitos que vêm e têm dificuldade de se adaptar. (Transcrição de conversas por telefone, dezembro 2013)

Para Paulo Siqueira, a maioria dos capoeiristas que chegavam a partir de 1990 tinham ou tem pouca relação com o meio artístico. Foram formados em um momento de efervescência da prática da capoeira com viés mais desportivo e marcial em todo Brasil. A capoeiragem tinha se transformado em um ambiente cada vez mais polarizado, dividido entre vertentes, linhagens e estilos. Sem o mesmo jogo de cintura e adaptabilidade, vinham obstinados a replicar *ipsis literis* o que vinha acontecendo no Brasil.

Com o aumento substancial de praticantes e o acirramento das diferenças foram-se criando redes isoladas de eventos, mas que seguiam o mesmo modelo das turnês instauradas pelos espetáculos de dança na Europa. Uma importante característica que é adicionada aos circuitos é que estes assimilaram, em maior ou menor grau, as disputas e segregações instituídas no Brasil. As relações com alguns mestres e seus grupos de capoeira brasileiros, que nas décadas de 1970 e 1980 eram pontuais, transformaram-se em conexões frequentes e até essenciais dentro destes circuitos.

O poderoso discurso da ancestralidade instaurou um momento de resgate às origens, valorizando mestres reconhecidos por representar e

defender as raízes de cada segmento da capoeira. Através deste modelo, suas presenças se tornaram quase uma obrigatoriedade nos eventos, por serem aceitos como representantes legítimos de sua linhagem ou estilo. O que antes se apresentava como um “convidado de honra” aleatório de renome da capoeira, transformou-se em obrigatoriedade, criando elos mais estáveis dos circuitos com o Brasil.

Uma lógica de grupo se estende do Brasil e invade os circuitos de capoeira na Europa, criando redes que estreitavam laços e facilitando as migrações dos capoeiristas brasileiros para a Europa. São redes de reciprocidade e ajuda mútua que competem entre si, construindo na maioria das vezes discursos, códigos e significados diferenciadores e excludentes um dos outros. A intensificação da construção de particularidades vai construindo barreiras simbólicas com o intuito de dificultar a convivência e circulação dos sujeitos capoeiras por entre circuitos diferentes, já que a diferenciação de códigos e regras cria rituais que servem como barreiras simbólicas entre os circuitos.

Um outro evento de capoeira ao sudoeste da Alemanha em que estive presente servirá como exemplo deste modelo ao qual me refiro. Eu tinha feito alguns contatos com o mestre organizador do evento que, mesmo tendo chegado após o ano de 2000, é reconhecido por algumas pessoas ligadas ao segmento artístico e musical da cidade como uma referência sobre capoeira. O local de treino era uma academia de artes marciais, tendo como piso um tatame para judô.

Cheguei na cidade por volta das 19h e lá fazia 7° C. Uma luxúria de calor neste período do ano, já que em Freising, uma pequena cidade nos arredores de Munique onde eu morava, nem no mais ensolarado dos dias, a temperatura passava de 3°C. Fui direto à academia de fitness onde um conhecido amigo dá aulas. Fiquei hospedado na casa de seu aluno durante minha permanência na cidade.

Começava lá um contraste de posições e situações que a viagem me proporcionaria. Como em todas as vezes que visitei este conhecido, fui muito bem recebido, convidado a dar ao menos uma parte da aula e tratado com importância e respeito.

Após uma noite de sono na casa emprestada, fui até o ginásio onde o evento aconteceria. Só consegui chegar ao local com ajuda de um

conhecido que tinha carro e GPS, pois o evento não ocorreu na academia de artes marciais, lugar normal dos treinos onde eu já havia estado. Tratava-se de um lugarejo bem afastado do centro e por isso pitoresco e bastante calmo.

Logo na entrada, havia um rapaz que fazia o controle de alunos e professores. Nós nos cumprimentamos e ele gentilmente perguntou meu nome para fazer a conferência na lista dos participantes. Feita a apresentação, o brasileiro, que mora há algum tempo na casa do mestre, notou que meu nome não estava na lista. De imediato esbocei certa indignação, já que eu teria antecipadamente avisado ao Mestre de minha presença no evento. Passado o impacto, percebi que esta seria uma ótima oportunidade de ser um desconhecido e experimentar um lugar de aluno durante o evento.

Conversei com o rapaz da entrada e paguei a taxa para participar do evento. Participei em alguns momentos da aula de iniciante e tentei ao máximo estar nos espaços de alunos. Um dos Mestres convidados para dar as aulas do evento chamou todos ao centro e mostrou duas sequências de movimentos, uma para os iniciantes e outras para os avançados. Minha primeira surpresa foi quando ele me colocou na turma dos iniciantes, dando como explicação: “primeiramente, tem que aprender o básico”.

Os movimentos em si não eram de toda novidade para mim, mas sim os detalhes das posições que braços e pernas teriam que estar. A mesma metodologia que tive em minha formação de capoeira só que com outras regras. Por exemplo, o alinhamento das pernas para a execução de um chute giratório não se fazia de maneira vertical em direção ao oponente, como eu havia aprendido, e sim de maneira perpendicular. Tentei levar a situação com naturalidade e me esforcei para fazer os movimentos passados pelo mestre da melhor forma possível.

A experiência descrita acima nos traz alguns fatores políticos e subjetivos que atravessam a capoeiragem e que fazem dela algo múltiplo e por vezes antagônico. Naquele momento, os meus 15 anos de praticante de capoeira não estavam sendo validados, pois os movimentos eram executados de maneira diferente dos que eu havia aprendido. O que fez de mim naquele momento um iniciante, ou seja, podemos vislumbrar nesta passagem como se institui um sistema de

legitimação de experiências e saberes bastante comum na década de 1990. Uma lógica que se afirma pela desvalorização de um conhecimento do “outro”.

O acirramento das disputas internas na capoeiragem, naquela época, produziu uma necessidade de marcar de maneira mais veemente as diferenças. No caso descrito, há uma necessidade em desenvolver metodologias de ensino com maior controle na performance e do processo de construção de subjetividades. O momento exigia modelos mais rígidos, visando ao apagamento das diferenças internas em prol do estabelecimento de fronteiras mais estáveis, estipulando as diferenças como externas. Elementos como estilos de jogar, vestimentas, disposição dos instrumentos durante a roda, regras e maneiras de se portar vão se tornando cada vez mais importantes neste processo. É legitimado, portanto, um controle rígido sobre o corpo na capoeiragem. Uma espécie de apagamento das individualidades em prol do fortalecimento do grupo, no qual cada segmento desenvolvia um processo de subjetivação particular baseados em diferentes formas de controle e disciplina.

Um segundo aspecto a ser resgatado deste momento da capoeiragem seria a sua defesa tanto em termos nacionalistas quanto tradicionalistas. O fato de ser defendida enquanto patrimônio cultural brasileiro, assim como a implementação de estruturas bastante hierarquizadas, colocavam cada vez mais os não brasileiros em um lugar desprovido de privilégios. Os antes “espectadores” e “parceiros” da década de 1970 agora são deliberadamente acomodados em lugares de consumidores de um produto cultural *made in e by brazilians*. O estereótipo, tanto nacionalista quanto tradicionalista, assume um status de hegemonia. Independentemente de estilo ou linhagem, o modelo acima descrito foi posto como regra geral, gerando um descontentamento e desolação por parte principalmente dos não brasileiros que almejavam galgar posições de prestígio.

A contradição percebida por Assunção (2008) de a capoeira conter um discurso contemporâneo de símbolo nacional brasileiro, ao mesmo tempo em que um produto cultural *for export* cada vez mais se acentua, o que apresenta, assim, os seus limites conceituais. Visando problematizar um pouco mais o esgotamento da ideia de “identidade nacional”, podemos exercitar algumas breves articulações do que vem

sendo acompanhado a fim de apontar alguns caminhos possíveis. Para dar conta de desatar o nó paradoxal, manteremos o foco no processo de negociação e legitimação dos espaços de subjetivação destes praticantes para perceber como ela vai sendo conduzida pelos sujeitos.

3. “Ligando Mundos”: transnacionalidade, hibridação e os novos espaços de subjetivação no século XXI

Como visto, nas décadas de 70 até 90 a situação era bastante recortada por uma alteridade de termos nacionais, ou seja, brasileiros e não brasileiros praticantes. Até a década de 90, mesmo com alterações no que se refere ao modo que se estabeleciam tais relações, houve uma hegemonia em que, de um lado, ficavam os alunos não brasileiros, e do outro, os professores e mestres brasileiros. Mesmo que esse modelo ainda encontre ressonância nos dias atuais, ele vem perdendo o seu poder argumentativo. Atualmente, cada vez mais estão os praticantes de capoeira não brasileiros a dar aulas, dominando de maneira fluente a linguagem corporal, comportamental e linguística da capoeiragem, como também administrando grupos e associações de capoeira em toda a Alemanha.

Com efeito, o que vem acontecendo, principalmente após a virada do século XXI, é um borramento significativo de diferenças ligadas à nacionalidade. Uma ruptura com os modelos nacionais de criação de diferenças na capoeiragem. Os praticantes de capoeira na Alemanha deixaram de ocupar majoritariamente o lugar de consumidores de uma “cultura brasileira” e passaram a vislumbrar cada vez mais posições de agentes tradutores e produtores desta prática. Isso não significa que antes disso não existiam agências por parte dos não brasileiros, mas que estas agências ou modos de subjetivação não eram reconhecidas ou seus resultados apropriados pelo lado brasileiro da questão.

Tal fato pode ser justificado pelos cerca de 40 anos de fluxos migratórios, oportunizando várias gerações de capoeiristas, inclusive a formação de professores e mestres não brasileiros. A prática e o ensino da capoeira na Alemanha, portanto, atravessaram diferentes processos de apropriação que influenciam de maneira contundente os signos e significados da capoeiragem. São influências que circulam de maneira

transnacionalizada, já que estes fluxos percorrem caminhos não mais delimitados à nacionalidade, tramitando em vários lugares por onde a capoeira é praticada, inclusive no Brasil.

Traremos agora os exemplos de Momitto e de Vaqueiro, para problematizar as maneiras com que as características nacionais são transpostas, provocando uma mistura de elementos por vezes tidos como distintos. Uma análise de suas experiências pode fornecer indícios importantes dos aspectos que surgem como novos elementos de diferenciação. Aspectos que apontam para as novas estratégias utilizadas na construção de alteridades em um contexto de maior transnacionalidade.

No ano de 2006, Mohamed Alvez, conhecido como Momitto - uma “latinização” da abreviação “Momo” utilizada na Tunísia para o nome Mohamed - veio da Tunísia para estudar Tecnologia da Informação (T.I). Em Freiburg, ele teve seus primeiros contatos com a cultura “latina” através do ritmo da salsa, começando a ter aulas com o professor Bráulio Rosero, conhecido como Lio, provindo do Equador. Após algum tempo, ele aprendeu espanhol através das músicas “latinas” e começou a dar aula de Salsa para pagar seus estudos. Segundo ele: “As aulas de salsa eram boas, porque eu não precisava mais trabalhar em tempo integral e assim tinha mais tempo para os estudos” (Momitto, comunicação oral, 2013).

Depois disso é que veio a conhecer a capoeira, que para ele foi um “movimento natural”. Momitto é um dos alunos mais graduados e participativos do Contramestre Arrupiado, Ivam da Silva, pertencente ao grupo Terreiro de Capoeira⁶. Agora ele diz não se identificar mais como um tunisiano. Ele se autodenomina latino-americano, legitimado por transitar entre espaços voltados à música latina em Freiburg, assim como pela prática da capoeira que definem e estabelecem as suas redes de contato. O tunisiano “latino-americano” residente na Alemanha foi umas das peças-chave na minha pesquisa pela facilidade e a destreza com que manipula elementos culturais dos mais diversos.

⁶ Grupo fundado em 1979 por Mestre Squisito em Brasília-DF. Este grupo possui atualmente vários mestres, contramestres e professores espalhados pelo mundo.

Fotografia 4 - Momitto e Contramestre Arrupiado na academia de fitness onde Arrupiado dá aulas.



Fonte: Pesquisa de campo (Fernandes, 2013).

Imagem 3 - Logo marca do Grupo Terreiro.



Fonte: Pesquisa de campo (Fernandes, 2013).

Momitto tem a latinidade enquanto algo que Ella Shohat (1992) definiu como “identidade hifenizada⁷”. A inserção da capoeiragem neste lugar de legitimidade “latino-americano” construído em Freiburg serviu para

⁷ Termo utilizado para falar das construções identitárias influenciadas por rupturas causadas por múltiplos deslocamentos - geográficos, culturais, linguísticos e psíquicos que vivenciam, bem como pelas questões de gênero, etnia, classe social e outras diferenças.

mim como um elo entre o prático e o teórico bastante fecundo. Fiz um cruzamento das experiências da capoeiragem em Freiburg com as pesquisas de Garcia (2012) sobre migração e identidade nesta cidade. Método que acredito oportunizar maior visibilidade às condições de possibilidade disponíveis em cada contexto onde a capoeiragem se insere, situando estas experiências no tempo e no espaço.

É de se surpreender com a quantidade de jovens que se pode observar andando pelo centro de Freiburg. São estudantes, na maioria universitários, que fazem das ruas da cidade antiga e das proximidades dos prédios que abrigam as várias faculdades e institutos da *Albert-Ludwig-Universität* lugares de quase sempre intenso fluxo de pessoas. A cidade é reconhecida por seu espírito ecológico e também pela alta qualidade de vida, mas principalmente pela sua diversidade cultural fundamentalmente apoiada pela influência da Universidade que se tornou um ponto de encontro de estudantes de diferentes nacionalidades.

Freiburg também é conhecida por ser a mais quente e ensolarada da Alemanha, dando a ela características climáticas mais tropicais. Aliado a isso, e por consequência da diversidade cultural universitária, os latinos são historicamente bastante representativos na cidade, não só em quantidade, mas como em organização e ativismo político-cultural (GARCIA, 2012). O autor fala de um grande boom que a cultura latino-americana obteve em Freiburg desde a virada do século XXI, tendo como base a língua espanhola e ritmos como Salsa, Merengue e mais recentemente a Bachata.

Estes seriam alguns aspectos que acredito interferir de maneira mais substancial na prática da capoeira nesta cidade. Vimos através de Momitto como a capoeiragem é inserida no cenário cultural de Freiburg por este viés “latino-americano”, fornecendo elementos para a construção de novas subjetividades.

Por fim, Christoph Johann Maier - conhecido por professor Vaqueiro - teve seu primeiro contato com a capoeira aos doze anos através do filme Hollywoodiano *Only the Strong* de 1992. Interessado pelo que tinha visto no filme e com a ajuda dos pais, foi à procura de um local de treino de capoeira, encontrando assim o estúdio de dança *Tanz Studio* e o *Grupo Contemporana* de Martinho Fiuza. Para Vaqueiro, a capoeira ajudou a olhar de maneira diferente a sua própria cultura (Bávara) e a

dar mais valor à natureza peculiar de sua região – no caso os Alpes, Floresta da Bavária com seus rios e lagos.

A capoeira teve influência direta na sua escolha acadêmica e em sua vida particular. Ele se graduou em letras com especialização em língua portuguesa e agora dá aulas de alemão e português, assim como aula de capoeira. Em 2012, Vaqueiro se desligou do grupo de seu Mestre, decidindo, junto com seus alunos, fundar o grupo denominado “Ligando Mundos”. Uma separação delicada, pois nas entrevistas de ambos se nota o respeito que um tem pelo outro. A reverência e gratidão do discípulo para com seu mestre, assim como o reconhecimento do mestre do talento e disciplina do único discípulo autorizado por ele a dar aulas de capoeira.

A logomarca do grupo “Ligando Mundos” é a bandeira da Bavária e um berimbau que faz referência à bandeira do Brasil, por ter o cruzeiro do sul e a faixa branca da bandeira brasileira, juntos com uma pomba a voar no canto esquerdo. Algo de uma carga simbólica significativa do esforço em articular diferentes signos e símbolos. A proposta de ser uma instituição a ligar diferentes mundos promove uma composição híbrida de elementos que a priori não pertenceriam à mesma ordem relacional.

Fotografia 5 - Professor Vaqueiro corporificando em sua ginga e vestimentas a capoeiragem. Detalhes das guias e candomblé utilizadas por ele na foto.



Fonte: Pesquisa de campo (Fernandes, 2012)

Imagem 4 - Logomarca do grupo Ligando Mundos, misturando elementos da bandeira da Bavária com o berimbau, contendo o cruzeiro do sul e fazendo uma referência à bandeira brasileira.



Fonte: Pesquisa de campo (Fernandes, 2012)

O primeiro contato com Vaqueiro se deu em um final de semana de agosto de 2012, no evento de verão do Grupo Ligando Mundos em Starnberg, uma cidade perto de Munique que fica ao redor do lago com mesmo nome, conhecida pelas grandes mansões, residências de personalidades famosas da Bavária e de toda Alemanha. Surpreendeu-me o seu português brasileiro fluente em nosso primeiro bate-papo até o ginásio onde se daria uma parte do evento. Posteriormente, mais surpresas viriam com a boa desenvoltura tanto quando tocava berimbau quanto quando jogava na roda de abertura do evento.

Vaqueiro nos traz uma outra composição tanto simbólica quanto corporal e subjetiva. Simbólica por, entre outras coisas, articular na logomarca de seu grupo símbolos da Bavária – região onde nasceu e vive – com símbolos da capoeira e do Brasil. Corporal e subjetiva por dominar com certa naturalidade a língua e o gingado significativos de brasilidade na capoeira. O filho de pescadores produz combinações conectando aspectos locais com a capoeiragem bastante particulares, mas que não estão fixas. Percebi que em cada evento dele que eu ia, novidades se faziam presentes. Novos mestres convidados, movimentos e gingados diferentes, até na estrutura da programação dos eventos

sempre estão a se alterar em um devir permanente por entre possibilidades.

4. Capoeiragem “In Between”: fluxos simbólicos e circuitos identitários transnacionais na construção de alteridades contemporâneas

Na virada do século XXI, novos desafios são lançados às pesquisas sobre identidade, subjetividade e produção de alteridades. As migrações e os fluxos simbólicos produtores de circuitos identitários contemporâneos se apresentam fundamentais para dar conta da produção complexa de diferenças e alteridades. Os novos migrantes se utilizam de múltiplas relações sociais transpondo fronteiras geográficas, culturais e políticas. De acordo com Sasaki e Assis (2000), os pesquisadores Glick-Schiller, Basch e Blanc-Szanton foram os primeiros a sugerir o conceito de transnacionalização como mais adequado a esse novo momento dos fluxos migratórios internacionais.

Se faz necessário perceber o fenômeno da migração de uma maneira holística e relacional, na qual várias subjetividades locais se relacionam de maneira mais orgânica e imbricada. A natureza e a intensidade das mudanças, tanto na sociedade de origem quanto na de destino, ficam cada vez mais aceleradas, estreitando os elos entre elas e outras localidades a elas conectadas. A complexidade da produção de identidades e subjetividades no contemporâneo coloca a necessidade de repensar categorias como nacionalismo, etnicidade e raça pelo borramento e combinações de elementos diferenciados por tais categorias.

Em se tratando de construções de alteridade com o foco nas relações, vimos como vem se estabelecendo de maneira hegemônica uma “lógica de circuito” no universo da capoeira como um todo. No geral, um aspecto que me chamou a atenção foram conexões transnacionais que se estabelecem e se mantêm através deste circuito de eventos de capoeira.

Eles parecem ter uma importante função de reciprocidade que mantém tais circuitos aos moldes da *kula*⁸ de Malinowski.

Há uma certa cobrança implícita em ir aos eventos organizados pelos professores e mestres que estiveram presentes ao teu evento. Há uma quase obrigação de que sejam convidados os que te convidaram para participar e/ou dar um workshop. Caso contrário, um mal estar é gerado, potencializando cisões ou reconfigurações destas redes. A quebra destas redes de reciprocidade produz uma situação onde algum tipo de retaliação se faz necessária. Em contrapartida, mestres e professores, mas principalmente seus alunos, boicotam o evento do contraventor causando, além da redução de ganhos financeiros e de prestígio, uma reciprocidade do mal estar causado por sua ausência.

Os convidados dos eventos, portanto, dizem muito sobre as características que seus organizadores escolheram e defendem para si mesmos e para seu grupo. São modos de subjetivação que se identificam, pelo menos no momento, com a autoimagem que o mestre ou professor toma para si e para seu trabalho. Da mesma forma, as rupturas na lógica da reciprocidade potencializam alterações na maneira de entender a si mesmo e ao seu grupo em relação tanto ao universo da capoeira quanto à sociedade em que o mesmo está inserido.

Com isso, as redes de sociabilidade que a prática da capoeira articula vêm ganhando cada vez mais importância como um grande delimitador de alteridades nas últimas décadas. As diferenciações pelas redes às quais estão conectadas determinam as condições de possibilidade e expectativas compartilhadas por cada circuito. No entanto, por representarem arranjos bastante dinâmicos, com a maior parte de suas relações instáveis, proporcionam formas de pertencimento mais fluidas e temporárias. A desnaturalização de símbolos de identificação e diferenciação, como a ideia da nação ou nacionalidade, gera novas e transitórias possibilidades de arranjos no processo de subjetivação.

O modelo de um circuito de eventos criado na década de 1970 que conectavam os poucos mestres de capoeira e seus alunos se replica de

⁸ Ponto chave da obra “Os Argonautas do Pacífico Oeste”, a *kula* é um complexo sistema de trocas e reciprocidade formando um circuito fechado entre populações de várias ilhas da Nova Guiné. Uma forma de sociabilidade que gera sentimentos de pertença ao mesmo tempo que mantém as diferenças internas entre as populações.

maneira substancial durante a década de 1990, alcançando uma escala transnacional. Formam-se então vários circuitos de festivais e eventos que estipulam diferenciações e coalizões entre os professores, mestres e alunos. Estes criam suas redes de contato, afinidade e reciprocidade com outros professores e mestres, organizando circuitos de eventos que cada vez mais tendem a competir entre si. Todavia, como dito anteriormente, estes circuitos não são estáticos, muito pelo contrário, estão sujeitos a todo tipo de rearranjo.

Os resultados da minha pesquisa apontam a uma exaustão do conceito de nação para definir identidades e culturas. A expansão do universo da capoeira do Brasil para outros países, como a Alemanha, criou condições transnacionais para novas formas de subjetividades. Sendo assim, é necessário que se faça um questionamento: com todo este cenário de fluidez e de intensas mudanças, ainda podemos falar em tradição, ancestralidade ou origem no universo da capoeira?

Baseado em minha experiência e análise, eu defendo que os alicerces da capoeira estão e sempre estiveram em sua liminaridade, de sua característica híbrida fundante. Como uma prática de negociação cultural que é estabelecida e legitimada como um espaço relacional e de embaralhamento simbólico. A capoeiragem, como um “in Between”, contém em si um *modus operandi* que paradoxalmente, por seu posicionamento de fronteira, produz e mistura culturas. Tal característica de adaptabilidade e hibridez legitimada pela diáspora africana vem no decorrer da história mantendo viva a capoeira no Brasil e no mundo. Se podemos falar de uma tradição ancestral na capoeira, esta se dá pelo seu *modus operandi* produtor de identidades e subjetividades híbridas, estabelecido dentro de um contexto colonial sociocultural brasileiro.

Considerações finais

Um novo momento da capoeiragem se instaura devido à sua transnacionalização simbólica, significativa e subjetiva. Com isso, outras articulações até então impensadas se fazem possíveis através do borramento de algumas fronteiras por antes naturalizadas. São associações criativas que surgem pelo acúmulo de experiências práticas

com os diferentes contextos por onde tramitam em função da capoeiragem. Fato este que aponta a importância de se levar em conta as características locais onde os fenômenos são observados.

Nos exemplos apresentados podemos perceber a presença da cidade enquanto um lugar que orienta a reconstrução dos capoeiristas migrantes através de seus códigos e regras socioculturais específicos. Neste sentido, a Alemanha oferece um mosaico de diferenças regionais, não só culturais, como políticas e sociais. Devido à sua herança histórica de fragmentação, a Alemanha é formada por um conjunto de regiões independentes que possuem sua própria legislação, dialetos e costumes.

Pelo fato de circularem no meio artístico do Rio de Janeiro e Salvador, tanto Martinho Fiuza quanto Paulo Siqueira e Saulo adquiriram um capital cultural que dava a estes sujeitos acesso a uma cultura globalizada, que seria de suma importância para se estabelecer na Alemanha. O estilo *Black Power* de se vestir, as influências do jazz entre outros hábitos disseminados naquela época viabilizaram a migração para as grandes cidades alemãs como Munique, Hamburgo e Berlim. Situação não distinta de Momitto onde a associação entre a capoeiragem com uma “identidade latino-americana” se fez possível devido a particularidades da cidade de Freiburg. Pois, possivelmente, tais estratégias não teriam o mesmo espaço de legitimação em outros contextos.

Um outro caso emblemático se faz presente através da Mestre Maria do Pandeiro que se utiliza de elementos característicos do imaginário da cidade onde reside há vinte anos, associando-os à história de Lampião e ao sertão brasileiro. Tanto isso quanto os cintos coloridos usados como graduação, conectam elementos concebidos em diferentes mundos ou estruturas socioculturais. Através da mestra, diferentes cosmologias sofrem um processo de fricção, proporcionando com o tempo um espaço intersticial que é o próprio lugar de subjetivação por onde a mestra foi se reinventando. Um lugar que associa ao conceito *in between* de Bhabha (1994), por se posicionar entre mundos, entre estruturas lógicas concebidas de maneira distintas, sem conexões a priori, nem temporais tampouco espaciais.

Mestra Maria do Pandeiro são muitas “Marias”. Uma malabarista que foi se aproveitando das possibilidades postas a ela para cunhar um lugar

seu. Desbravadora de novos espaços de subjetivação onde a mulher se torna protagonista, escultora ativa de seus múltiplos “eus” possíveis. Uma tendência que vai dando às mulheres patamares cada vez mais de destaque em um cenário historicamente masculino da capoeiragem.

A criatividade torna-se um aspecto chave para lançar um olhar às multiplicidades que vão tomando forma. Uma reinvenção constante de si, mostrando várias facetas das subjetividades possíveis de serem corporificadas. Os casos de Momitto e Vaqueiro podem servir como um bom exemplo das hibridações produzidas pelos próprios sujeitos entre seus lugares de origem e destino. Momitto se reinventa desfigurando tratados de propriedade referentes a elementos tidos como pertencentes a campos identitários distintos.

Vaqueiro também desponta como parte deste grupo que estabelecem no início do século XXI outros modos possíveis de subjetivação para a capoeiragem. O discípulo de Mestre Martinho Fiuza ao mesmo tempo que cria novas fronteiras, subverte-as fazendo de si uma ponte entre as partes. A associação que faz na logomarca de seu grupo entre a região da Bavária, a capoeiragem e o Brasil representa a situação de liminaridade que sua própria subjetividade híbrida produz. Um *in between* conectando através de si diferentes culturas e escalas territoriais - já que a Bavária é uma região e o Brasil, um país.

Através de Momitto e Vaqueiro chegamos também à sensação de incômodo ou de confusão conceitual expressas nas frases “nem parece um alemão”, “pareces um brasileiro” ou “jogas bem capoeira para um alemão”. Estas são expressões proferidas por alguns brasileiros para tentar explicar alguns não brasileiros praticantes de capoeira pelo fato dos últimos dominarem fluentemente as linguagens da capoeiragem. Um desconforto classificatório que coloca em cheque não só as antigas construções de alteridades até então naturalizadas na capoeiragem, como também a construção do “ser brasileiro” como uma categoria da ordem do “dado” no universo da capoeira.

A ideia de brasilidade, de uma cultura brasileira produzida no Brasil, é desterritorializada, desvinculando a brasilidade como algo produzido apenas no território brasileiro. Como efeito do descolamento entre a “cultura brasileira” com o território brasileiro, produzidos pela prática da capoeira na Alemanha, articula-se com o tempo novos modelos de

subjetividades, mantendo-se, no entanto, algumas expectativas fundamentais, tais como o gingado e a língua portuguesa.

Outro fator importante sobre o idioma se faz presente através do lugar/função dos tradutores no universo da capoeira. São lugares de destaque e de importância no processo de negociação cultural não só durante os eventos, mas no dia-a-dia dos treinos e do grupo do qual fazem parte. São eles que ajudam na organização, captação de patrocínios e dos espaços de treino e que, por isso, criam uma relação de dependência dentro e fora do círculo social da capoeiragem. Nos casos onde o tradutor é o cônjuge, a relação se torna ainda mais complexa, porque inclui questões de convivência afetiva e até legal, já que muitos conseguem o visto de permanência por serem casados com um(a) nativo(a).

Os desdobramentos contemporâneos que foram apresentados nos conduziram a uma melhor percepção do que denominamos de capoeiragem *in between*. Um espaço legitimado ao longo do tempo como representativo da cultura produzida pela diáspora africana em território brasileiro, culminando com a recente aprovação da capoeira conferida pela UNESCO como patrimônio da humanidade. Conferimos também que a capoeiragem não se esgota somente pelo embaralhamento cultural das diferentes etnias africanas no Brasil, mas também pelos atravessamentos que vão ocorrendo e determinando mudanças nos rumos por ela tomados.

A força colonizadora portuguesa assim como o entrecruzamento com a diáspora alemã demonstram a importância de se levar em conta tais influências para que se possa dar conta dos rumos que a capoeiragem vem tomando. Mais do que se preocupar com ancestralidades ou origens, tal abordagem desvenda aspectos liminares e de intensa negociação cultural fundamentais para que se possa entender as novas composições e significações para o universo da capoeira. No entanto, se há alguma possibilidade de se defender uma tradição em comum para todo o universo da capoeira, esta se encontra em seu *modus operandi* que em um momento estabelece e em outro subverte fronteiras culturais, entrelaçando símbolos e códigos, criando assim hibridações de suas próprias dicotomias. Viso, por fim, ter promovido um debate crítico e reflexivo sobre as influências coloniais produtoras de desigualdades que ainda se fazem presentes tanto nos discursos acadêmicos quanto nos

nativos a respeito da capoeira, apontando alguns outros caminhos também possíveis de se levar em consideração.

Referências bibliográficas

AGAR, M. H. **The Professional Stranger: An Informal Introduction to Ethnography**. New. York, Academic Press, 1980.

ALBUQUERQUE, W. R. de ; FRAGA FILHO, W. **Uma história do negro no Brasil**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

ASSIS, G. O & SASAKI, E. M. “Os novos migrantes do e para o Brasil: um balanço da produção bibliográfica”. In: Castro, Mary Garcia (Coord). **Migrações Internacionais: contribuições para políticas Brasil**. Brasília, CNPD, 2001. p. 615-669.

ASSUNCAO, M. R. **Capoeira: The History of an Afro-Brazilian Martial Art**. London & New York: Routledge, 2005.

ASSUNCAO, M. R. Da ‘destreza do mestiço’ à ‘ginástica nacional’: narrativas nacionalistas sobre a capoeira. **Antropolíticas. Rev. Cont. de Antropologia e Ciência Política**. UFF, Niterói, n. 24, p. 19-40, 1. Sem, 2008.

BHABHA, H. **The Location of Culture**. London; New York: Routledge, 1994

DELEUZE, G. GUATTARI, F. **Mil Platôs - Capitalismo e Esquizofrenia**, v. 3. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

FERREIRA, D. G. da S. Adaptação em Movimento: o processo de transnacionalização da Capoeira na França. **Antropolíticas. Rev. Cont. de Antropologia e Ciência Política**. UFF, Niterói, n. 24, p. 63-85, 1. Sem, 2008.

GARCIA, F. A. **Latinos en Alemania: política local, identificaciones colectivas y participación ciudadana en la ciudad de Friburgo**.

Madrid: Ed. Bubok, 2012 pp. 245.

GINZBURG, C. O inquisidor como antropólogo: uma analogia e as suas implicações. *In*: GINZBURG, C. **A micro história e outros ensaios**. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989. cap. 3, p. 203-214.

HEAD, S. C. Imagens parciais: uma luta dançada entre dois tempos. *In*: **Reunião Brasileira de Antropologia**, 2008, Porto Seguro, BA. Anais da RBA 2008 (CD).

KOTTACK, C. Swimming in Cross-Cultural Currents. *In*: HESS, D. J & DAMATA, R. **The Brazilian Puzzle: culture on the borderlands of the Western World**. New York: Columbia Un. Press, 1995.

LATOUR, B. **Jamais Fomos Modernos: ensaios sobre antropologia simétrica**. São Paulo: Editora 34, 1994.

LEMPP, S. **Über den Black Atlantic: Authentizität und Hybridität in der Capoeira Angola**. Tectum Verlag, 2013.

MBEMBE, A. Formas Africanas da Escrita de Si. *ArtAfrica*, 2010 Disponível em <http://www.artafrica.info/html/artigotrimestre/artigo.php?id=21>, [consultado em 15 de outubro de 2013].

Nestor Capoeira. **The Little Capoeira Book**. Berkeley, CA: North Atlantic Books, 1995.

OLIVEIRA, R. C. de. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, v. 1, n. 2, p. 19-26, 1995.

RUGENDAS, J. M. **Malerische Reise in Brasilien**. Paris; Mulhausen, Engelmann & Cie, 1835.

SALES, T. O Brasil no contexto das recentes migrações internacionais, *In*: LAVINAS, L. CARLEIAL, L. M. da F. NABUCO, M. R. (Eds.), **Integração, região e regionalismo**, RJ: Bertrand Brasil, 1994. p.249-271.

SHOHAT, E. Notes on the Post- Colonial. **Social Text**, nº 31/32, Third World and Post-Colonial Issues, pp. 99-113, 1992.

SIMONIAN, L. T. L. Uma relação que se amplia: fotografia e ciência sobre e na Amazônia. *In*: KAWHAGE, C.; RUGGERI, S. (ORG.). **Imagens e pesquisas: ferramentas de compreensão da realidade amazônica**. Belém: Editora do NAEA/UFPA, 2007. p. 15-52.

SOARES, C. E. L. **A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850)**. Campinas, Ed. da UNICAMP, 2001.

Recebido em 21/02/2017
Aprovado em 28/06/2017